

As
MENTIRAS
que
INVOCAM
a
NOITE

TESSONJA ODETTE

TRECHO ANTES DO LANÇAMENTO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Planeta minotauro

As
MENTIRAS
que
INVOCAM
a
NOITE

TESSONJA ODETTE

Tradução
Isadora Prospero



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Tessonja Odette, 2026
Copyright da tradução © Isadora Prospero, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: *Tatiana Guedes*
Revisão: *Luana Negraes e Laura Folgueira*
Projeto gráfico e diagramação: *Renata Zucchini*
Capa: *Micaela Alcaino*
Adaptação de capa: *Heleni Andrade*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Odette, Tessonja

As mentiras que invocam a noite / Tessonja Odette ; tradução
de Isadora Prospero. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
336 p. : il.

ISBN 978-85-422-4350-5

Título original: The lies that summon the night

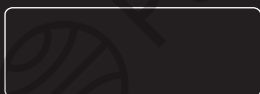
1. Ficção norte-americana I. Título II. Prospero, Isadora

26-2695

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas.

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

CAPÍTULO 1

INANA

A primeira vez que sussurrei uma história ao vento, tive certeza de que resultaria na minha morte. Eu podia ser criança na época, mas entendia as implicações do crime que estava cometendo. Fazer arte é mentir, mentir é pecar, e pecar é atrair as sombras que espreitam a escuridão. Mesmo assim, em vez de fugir do que tinha feito, esperei, segurando o fôlego, em segurança sob a luz do sol, com os olhos fixos no bosque nas cercanias do meu vilarejo. Mal ousava piscar por medo de perder algum sinal característico de movimento da escuridão entre as árvores. Alguma indicação de que eu tinha despertado a fome de um monstro das sombras.

Quando passou uma hora e nenhum perigo se apresentou, não fiquei aliviada.

Fiquei decepcionada.

Não porque queria morrer, mas porque queria me sentir viva. Saciar o anseio dentro de mim, instilado não pelo pecado, mas pelas escrituras sagradas.

*Não há mentira maior que a ficção,
Nenhum pecado mais belo que a arte.
Não se perca nesses prazeres,
Pois o demônio é sua musa.*

Deuses, como essas linhas me comoviam na época. Embora devessem ser avisos para não praticar as artes proibidas, nunca me pareceram assim. Pareciam um chamado. Um desafio. Será que eu era capaz de tecer uma história tão fascinante que o demônio prestaria atenção? Uma história tão bela que as Sombras que atormentavam a humanidade buscariam minha morte?

Aquela não foi a última vez que sussurrei ficções no mundo. Foi só o começo, e acabaria levando à minha ruína. Duas vezes fui pega pelos meus crimes.

A primeira me custou o homem que eu amava.

A segunda, minha liberdade.

Mas é engraçado como era em confinamento que mais me sentia livre. Em noites como esta, ao menos.

Uma sala sem janelas me chama à frente. Mantenho a respiração estável enquanto meus companheiros e eu seguimos por um corredor mal iluminado em direção a ela. Estamos em silêncio, exceto pelo ruído suave de nossas sandálias, o ar entre nós vibrando com uma mistura palpável de terror e expectativa. Sabemos o que nos aguarda, pois nenhum de nós está se apresentando pela primeira vez no Covil dos Desgraçados.

Há mais de uma dúzia de nós esta noite, todos artistas e foras da lei. Aos vinte e seis anos, não sou nem a mais nova, nem a mais velha. Meus companheiros vão de uma garota adolescente a um homem com o dobro da minha idade. A maioria, como eu, trabalha sob um contrato de servidão para o sr. Rockefeller, o cavalheiro bem-vestido que lidera nosso séquito. O resto já cumpriu seus contratos e está aqui por escolha, para se sustentar. Em dois anos, estarei entre eles. Mais um ano depois disso, e terei ganhado o suficiente para comprar uma passagem segura para fora desta merda de continente.

Só tenho que sobreviver até lá.

Um calafrio percorre minha coluna quando a primeira nota de música alcança meus ouvidos, uma melodia rítmica dedilhada em algum instrumento de corda. Um som assustador quando todas as formas de arte imaginativa são proibidas. Eu já devia estar acostumada com isso.

Depois de um ano sob custódia do sr. Rockefeller, um ano de apresentações no Covil, já ouvi muita música. Porém, acho que nunca vai soar menos assombrosa. Menos encantadora.

Quanto mais nos aproximamos da porta, mais alta fica a melodia, assim como explosões de risadas e conversas. Eu me preparo mentalmente para o aroma pungente de bebida que preenche minhas narinas, torcendo para não sentir o travo ferroso de sangue junto dele. Se houver algum Imaculado aqui esta noite...

Engulo o nó de medo que sobe por minha garganta. O sr. Rockefeller pode ter influência suficiente sobre seus colegas aristocratas para nos manter a salvo deles, mas o mesmo não se aplica aos Imaculados.

Pelo menos, estamos todos mascarados, nossa identidade obscura ainda mais pelos trajes idênticos: túnicas de seda de um escarlate-escuro atadas com laços da cintura ao pescoço e véus da mesma cor por trás da cabeça. Ninguém verá meu cabelo loiro-acobreado ou minhas bochechas com sardas. Mal vão notar minhas íris cinza através das fendas para os olhos. Só vão ver os diferentes desenhos em nossas máscaras, a única coisa que nos distingue, exceto pelas diferentes alturas e físicos. A minha está adornada com uma filigrana floral elegante, com um halo de espinhos estreitos, que se parecem com raios de sol e terminam em um cordão de contas de bronze que tilintam e balançam com meus movimentos.

Finalmente, cruzamos o limiar, a transição do corredor escuro para a sala iluminada me ofuscando por um momento. Pisco para me adaptar ao brilho dos lustres de cristal suspensos no teto, sua luz dourada ainda mais brilhante ao ser refletida pelas paredes, o chão e o teto de prata. A luz é tão forte que dispara uma dor latejante nas minhas têmporas, mas eu devia ser grata. Prata e luz são duas coisas que rechaçam as Sombras, os monstros que se manifestam a partir do pecado humano.

Este era o propósito original desta sala: servir como abrigo subterrâneo de emergência. Cidades sagradas, como Nalheim, são cercadas por torres prateadas imponentes, além de um domo de luz projetado por um Braseiro Sagrado no centro da cidade. Abrigos como este

servem como refúgio para a aristocracia, caso as proteções primárias de Nalheim fiquem comprometidas. No entanto, em vez de reservar esse santuário para tal evento cataclísmico, o sr. Rockefeller o transformou em um clube social para a respeitável elite da cidade. Um lugar para dar a seus colegas um gostinho seguro do pecado.

Rockefeller nos conduz até o centro do grupo, onde nos espalhamos para oferecer à plateia uma visão completa do entretenimento da noite. Apesar da ausência de janelas, é assim que imagino a sala de visitas em um palácio, com poltronas de veludo e mesas cheias de comida requintada. As paredes prateadas estão entalhadas em um padrão de damasco, o teto prateado é em caixotão, e o piso prateado foi tão polido que cintila. Uma exibição muito extravagante do metal mais cobiçado do continente.

Alguns pares de olhos voltam-se para nós, mas a maioria dos clientes ainda está engajada em suas conversas ou focada em suas bebidas enquanto se esparrama na mobília. Vestem seus melhores fraques, cartolas e vestidos de seda coloridos, com rendas e brocado. Como os nossos, seus rostos estão ocultos sob máscaras, mas as deles são de porcelana lisa, enquanto as nossas são obras de arte, prova de que eles não são pecadores, como nós. Eles não participam das artes ilegais. Só assistem. Julgam. Deliciam-se no esplendor daquilo que condenam publicamente.

A melodia muda, e eu vejo uma das musicistas sentada no colo de um homem mais magro. Ela não usa máscara e suas pálpebras estão pesadas, as pupilas, dilatadas. Seus dedos permanecem ágeis e ativos na harpa, apesar da postura encurvada, dos pontinhos de perfuração sangrando no pescoço e das mãos que sobem por sob suas anáguas e pelas coxas com meia-calça.

Meu sangue gela.

Eu a reconheço. Ela só trabalhava de vez em quando no Covil, após ter cumprido seu contrato com o sr. Rockefeller, anos atrás. Não a vejo há meses. Agora sei o motivo, assim como sei que tipo de homem está sentado atrás dela, mesmo sem olhar para o rosto dele. A resposta está escrita na graciosidade natural de sua postura,

em como parece brilhar com força, tão radiante quanto os lustres e paredes de prata ao seu redor. Mas isso é apenas porque ele é a única pessoa no salão que não projeta uma sombra.

Pois os Imaculados não têm sombra.

Absolvidos de pecado, livres do envelhecimento e da morte, os Imaculados reinam sobre a humanidade como os mais puros de todos nós, pois são os únicos seres que não atraem Sombras, estando acima de qualquer culpa.

Cerro a mandíbula. Ergo o olhar dos pontos de perfuração no pescoço da mulher para os lábios manchados de sangue do Imaculado. Como a harpista, ele não usa máscara, revelando maçãs do rosto afiadas, olhos azuis vazios e cabelo dourado que cai sobre a testa. Ele não tem motivo para esconder quem é ou o que faz. Nenhum motivo para se alimentar de seu sacrifício em privado. Pode reivindicar quem quiser como sua fonte de sangue e obrigar a pessoa a consumir seu sangue em troca, tornando-a sua cativa obediente.

O sr. Rockefeller dá as boas-vindas a seus convidados e anuncia o começo do entretenimento da noite. Obrigando-me a desviar os olhos do Imaculado e sua cativa, vou até uma caixa de mármore vazia, erguendo a barra da túnica ao subir nela. Por todo o salão, meus companheiros fazem a mesma coisa, alguns com instrumentos musicais, outros segurando pincéis, cadernos de desenho ou outras ferramentas artísticas. Alguns estão de mãos vazias, como eu, embora eu não vá continuar assim por muito tempo.

Apertando os dedos na cintura, endireito a postura. Finjo ser desatendida enquanto me transformo em alvo de interesse. Apesar da anonimidade que a máscara concede, sempre me sinto nua durante essa parte. Vista demais. Vulnerável demais. Mas me recuso a deixar que vejam isso.

O sr. Rockefeller passeia por entre a multidão, sussurrando tentações a nossos clientes.

A Lâmina faz malabarismo com facas sem tirar uma única gota de sangue.

*O Bardo tem as mãos cheias de cicatrizes de um assassino,
mas a voz de um anjo.*

*O Amante dança valsa como um príncipe dos esquecidos
contos de fadas de antigamente.*

*A Meretriz tem coxas tão lisas quanto seda e uma caneta
que vai atrair você para o meio delas.*

*A Costureira tece um conto de horror e esperança que vai
enredar seu coração.*

Nenhum de nós usa nossos nomes verdadeiros, nem quando estamos a sós. Inana Westwood se foi há muito tempo, substituída pela Costureira. Graças à fofoca que meu empregador espalha, uma pequena plateia logo se reúne ao meu redor, faminta pelo que a Costureira tem a oferecer.

Meus clientes mantêm uma distância modesta, o corpo levemente virado, como se temessem pegar minha vileza por mera proximidade. Se estivessem realmente preocupados, não teriam vindo ao Covil. A verdade é que seu asco é fingido. Consigo ver a empolgação brilhando atrás das máscaras, a expectativa dançando nos arrepios que percorrem os corpos lindamente vestidos. Eles estão tão sedentos quanto o Imaculado, ainda que não por sangue. Tão famintos quanto as Sombras, ainda que não por carne.

A música da harpista desacelera, e nossos clientes fazem sua seleção final. Alguns convidados atêm-se às paredes para manter um ar de indiferença mais convincente, como o Imaculado que ainda não deixou sua cadeira, graças aos deuses. Arrisco uma olhada em sua direção, um nó de tensão se aliviando em meus ombros. Enquanto ele permanecer ali, vou poder dar meu máximo à apresentação. Caso contrário, teria que andar no limite entre entreter minha plateia e ser esquecível. Em suas raras visitas ao Covil dos Desgraçados, os Imaculados parecem favorecer os mais talentosos.

Meu coração desaba quando olho para a harpista outra vez. Seu sorriso é tão pacífico, seu olhar, tão vazio. Como seria estar bêbada do sangue de um Imaculado? Será que uma parte dela continua lúcida,

debatendo-se impotentemente contra a jaula de sua mente? É essa a parte dela que continua a tocar tão bem, seu único ato de rebelião enquanto o resto do corpo obedece?

Não quero saber. Só alguém em sua posição poderia responder a essa pergunta, e eu nunca desejaria esse destino a mim mesma. Talvez seja egoísta ficar grata por não ser essa mulher, mas foras da lei não sobrevivem muito sendo altruístas.

Quando o Imaculado abaixa os lábios, fincando caninos afiados às marcas de mordida no pescoço de sua cativa, seus olhos se erguem e cravam nos meus. Ou talvez seja só minha imaginação. Por certo ele não pode ver meus olhos de onde está sentado. Afasto o olhar rapidamente. Com a mesma rapidez, a canção da harpista se interrompe de modo brusco. Minha pulsação martela no silêncio deixado pela melodia.

Ela pode não estar morta, digo a mim mesma. Pode ter perdido a consciência temporariamente devido à perda de sangue. Nem todos os Imaculados drenam seus sacrifícios até a morte. Alguns os mantêm como bichos de estimação.

Nem todos os Imaculados se contentam em só beber sangue, meu lado mais sombrio sussurra de volta.

Resisto ao impulso de esfregar a cicatriz no peito, escondida sob a túnica, e me lembro de por que tudo isso vale o risco. De por que vou escolher retornar a este lugar mesmo depois de ter cumprido meu contrato.

Porque essa é minha melhor chance de escapar do continente.

E é o único jeito de satisfazer meu anseio mais sombrio.

Puxando fôlego para me preparar, abaixo os olhos para a plateia ao redor do meu pequeno palco de mármore.

— Minha história é a de uma mulher que perdeu o coração — digo, em um tom nostálgico que mal se sobrepõe sobre a algazarra que se ergue à medida que cada artista começa a tecer sua arte. Olhos pouco impressionados perdem o brilho atrás das máscaras, meus clientes questionando se escolheram a artista certa. É uma estratégia intencional da minha parte, enquanto afrouxo os laços no topo da minha túnica. Então, enfio os dedos sob a peça, deixando a frente se abrir o

bastante para revelar a linha franzida que corre do meu esterno até a curva superior do seio.

Os olhos da plateia se arregalam ao ver a cicatriz irregular. Seu interesse é atiçado.

Abaixo a voz até ficar rouca e ríspida.

— Minha história é a de uma mulher que perdeu o coração — repito, em um tom mais sinistro. Por debaixo da túnica, extraio o órgão em questão, ainda batendo. — Minha história é sobre a traição do amor.



Planeta minotauro



Os MONSTROS NASCEM *da* ARTE *dos* MENTIROÇOS...

Em um mundo onde a criatividade foi proibida, artistas são caçados e sacrificados aos Imaculados, uma elite imortal que se alimenta de sangue humano em troca de proteção.

Inana quase morreu por contar histórias proibidas, e não pretende correr esse risco de novo. Escondida nas sombras da cidade, ela sobrevive narrando ficções ilegais para quem ainda ousa ouvir.

Até ser descoberta por Dominic.

Meio Imaculado, meio caçador, ele é tão perigoso quanto as criaturas que persegue. Mas precisa de uma artista para concluir sua missão. *Ela*.

O acordo é simples: ajudá-lo... ou morrer.

Mas, à medida que essa aliança instável os arrasta para um jogo de segredos, traições e monstros, algo ainda mais perigoso cresce entre eles.

Porque, neste mundo, desejar pode ser tão fatal quanto criar.



Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.